

Fundamentos Transnacionais para a Prática Ética em Intervenções contra a Violência contra as Mulheres e o Abuso de Crianças



Above from left to right:
Liz Kelly (PI 3, London), Carol Hagemann-White (PL and PI 1, Osnabrück), Maria José Magalhães (PI 4, Porto)
Thomas Meysen (PI 5, Heidelberg), Vlasta Jalušić (PI 2, Ljubljana)

Porquê ética?

- Partilhamos princípios na Europa, mas são postos em prática de formas que se enquadram em diferentes estruturas legais e de assistência social
- Ética como o fundamento para as relações humanas – sustentam a dignidade e integridade nos direitos humanos, e noções do *self* relacional
- Revisão das teorias éticas revelaram que tinha aquisição limitada na violência ‘interpessoal’

Pontos de começo 1

- Entrar nas arenas da violência contra as mulheres e o abuso e negligência de crianças é encontrar interseções complexas de relações de poder: gênero, geração, raça/etnia, nacionalidade, religião
- Uma matriz de direitos e responsabilidades que os profissionais têm de navegar
- Intervenção: venire – ir, inter – entre ou dentro. Os profissionais estão a entrar dentro das vidas dos outros, o que levanta um conjunto de questões e dilemas éticos que estão também ligados ao poder: do estado, de pertencer e saber

Pontos de começo 2

- Os danos da violência e do abuso

Eu desenvolvo e defendo uma visão do self como fundamentalmente relacional – capaz de ser desfeito por violência. Mas também de ser refeito em conexão com os outros. (Brison 2002)

- A violência remove o controle sobre o próprio corpo e mente, muda o sentido interno de *self* e as nossas relações com outros.
- Toda a intervenção deve começar de um reconhecimento que toda a interação subsequente pode ser parte da reconstrução das conexões sociais ou agravar os danos.
- O objetivo é não só proteger do abuso futuro mas expandir o “espaço para a ação”, restaurar a liberdade que foi interferida.

Os contextos importam

- A violência contra as mulheres ou crianças tende a ser um curso de condutas, repetidas ao longo do tempo, em vez de “incidentes” reservados de crime
- Cada pessoa tem uma história complexa que precisam de contar, para ter o abuso reconhecido e nomeado e a segurança de que não deve acontecer novamente no futuro
- Para muitos/as, pode também conectar-se a outras formas de abuso nas suas vidas – ser vítima de *bullying* na escola, as ‘micro agressões’ diárias do sexismo e racismo – micro agressões são insultos e injúrias que comunicam mensagens hostis ou negativas a um membro de um grupo minoritário ou não-dominante que reforçam estereótipos

A ética importa

Precisamos de ir com cuidado para respeitar os seus direitos e só perceber... onde ela quer ir a seguir. (ONG, IPV, E&W)

A única coisa que queria que eu fizesse era sair de casa e ir para uma casa de abrigo, mas isso é tão injusto! Ele é que devia sair de casa. (...) tudo na minha casa foi comprado com o meu dinheiro. (Mulher, IPV, PT)

- Ética engloba ação e atitude, o que fazemos e como o fazemos
- Um profissional pode agir com cuidado e respeito e mesmo assim não tomar nenhuma ação protetiva, outro pode ser direto e bruto mas tomar ação protetiva
- Prática ética combina os dois: respeito pela dignidade humana e ação protetiva
- Ética diária: estaremos a abordar alguém com interesse e preocupação genuínas, com a intenção de ser justo, de fazer mais bem do que mal?

Para lá do victimismo

- Kathleen Barry (1979)
- *Criar o papel e estatuto da vítima é a prática a que chamo victimismo. (...) é-lhe atribuído o estatuto de vítima e é depois vista apenas em termos do que lhe aconteceu (...) Cria um enquadramento para os outros conhecerem-na não como uma pessoa, mas como uma vítima, alguém a quem violência foi feita. Victimismo é uma objetificação que estabelece novos padrões para definir a experiência, esses padrões rejeitam qualquer questão de vontade e negam que a mulher, mesmo enquanto sofrendo violência sexual, é uma pessoa viva, em mudança e interativa. (p38-39)*

Em conexão e conversa

- Estar de um interesse de mover-se em conexão a, e em conversa com, a pessoa cujas integridade e dignidade foram violadas.
- Este diálogo é uma exploração junta do passado, presente e potenciais futuros – quais as suas esperanças e objetivos de justiça?
- A nossa responsabilidade nuclear é a proteção, não simplesmente acabar com a violência, mas apoiar o encontro de formas de viver para lá dos danos, permitindo às mulheres e aos jovens refazer o *self* e (re)construir a conexão social

Dilemas éticos

- Demasiado cedo, demasiado, não o suficiente, demasiado tarde – as escalas temporais de quem?
- Quando é legítimo intervir sem consentimento?
- Transparência – quão possível é ser honesto/a e aberto/a sobre o que pode acontecer a seguir?
- Participação – quanto controlo e influência pode o/a sobrevivente ter no processo?
- Ética é uma ferramenta para nos ajudar a pensar sobre estas questões, e há sempre necessidade de apoio e supervisão
- Mudar o foco de não fazer erros e apenas prevenir o pior para a construção da confiança e conexão e permitir bons resultados

Para lá da ‘competência cultural’

- Diversidade da Europa – múltiplas histórias, valores e significados
- Estereótipos de pessoas/nacionalidades inteiras – mas grandes variações de crenças, identidades e políticas
- Impossível ter conhecimento sequer superficial do leque de fundos, histórias e contextos que podemos encontrar
- Perigo de ver a ‘cultura’ como uma essência fixa e imutável – leva a atribuições de ‘nós’ e ‘eles/as’; isto implicitamente exclui as crianças, famílias, mulheres e homens minoritários do círculo de confiança e de pertença.
- Ver as mulheres minorizadas como mais prováveis de aceitar o abuso, não o definir como violência, mas as mulheres que entrevistámos foram claras de que o comportamento não foi aceitável. Elas não acreditavam que podia ser parado, ou não sabiam em quem podiam confiar para as apoiar.

Curiosidade profissional

- Ser um/a ouvinte que procura compreender a partir da perspectiva do/a outro/a, imaginar o que pode estar a perturbá-lo/a e explorar isso em diálogo.
- Colocar cada mulher, criança e pai/mãe na posição de um/a conhecedor/a, portador/a de conhecimento sobre a sua história, localização social e experiências sociais
- Perguntar e envolver – assegurar que compreendemos em vez de assumirmos. O que significa no seu contexto ser uma vítima? Que preocupações e medos têm sobre envolver-se com agências de apoio e do estado?
- Autodeterminação informacional

Serviços especializados

Nós confortamo-nos umas às outras ao ouvir as nossas histórias. (Mulher, TSE, E&W)

Dá-te força, onde sentes que podes respirar por ti própria (...) foi a primeira vez que me senti segura. (Mulher, TSE, E&W)

- Sensibilidade a sugestões de que valem menos do que outros devido ao que lhes foi feito e quem são percecionadas
- Mulheres de minorias podem sentir uma “defensividade tripla”: sobre a sua vitimização; como a sua maternidade será julgada; e sobre ser uma mulher minoritária. Os serviços especializados dirigidos por mulheres de minorias criam uma base diferente para a interação
- Apoio mútuo de outros em posições semelhantes são onde as complexidades da localização e identidades podem ser completamente articuladas e reconhecidas

Não uma lente mas um caleidoscópio

- Envolvimento ético não pode ser construído se apenas pensamos através das regras/orientações.
- Estas devem ser ligadas às experiências, desejos e necessidades das pessoas particulares.
- Consideração conjunta das consequências pretendidas e não pretendidas dos vários cursos de ação
- Cultura/etnia como uma lente através da qual os profissionais olham na sua procura de compreender e adequar as intervenções, outras – idade, género, incapacidade – podem também ser relevantes
- A nossa lente precisa ser mais como um caleidoscópio, permitindo variações e mudanças de horizontes entre indivíduos ao longo do tempo

Últimas palavras

- *Ela é que está lá para mim. Agora estou relaxada, não como antes. (...) Ela sabe tudo sobre mim... Eu confio nela, que ela não vai deixar ir (Mulher, TSE, DE)*
- *Sim, absolutamente, imediatamente, a primeira conversa, eu tive a impressão: esta mulher ouve-te, está lá para ti e acredita em ti (Mulher, IPV, SI)*
- *A minha tutora é uma pessoa incrível... Dentro da instituição trata-me como qualquer outra, fora da instituição é uma mãe e trata-me como se fosse sua filha. (Adolescente, CAN, PT)*
- *Foi tudo confidencial e privado. Eles [ONG] não partilharam as minhas questões pessoais com mais ninguém – [o que é] – mesmo importante... eles foram bem fundo e compreenderam. (Mulher, IPV, E&W)*

